

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA LITERÁRIA: DA TRADIÇÃO ORAL AO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra; Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, [kekesoares@yahoo.com.br](mailto:kekesoares@yahoo.com.br); Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, [malupsampaio@hotmail.com](mailto:malupsampaio@hotmail.com)

**Resumo:** O presente artigo visa a discorrer sobre a contação de história como prática literária de grande relevância para a construção cultural da humanidade e se constitui parte do aparato teórico que embasa a tese de Doutorado intitulada “A expressão criativa e a subjetividade do contador de histórias no Programa BALE”, no Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Para tanto, apresenta uma discussão acerca da atividade de contar histórias e dos contadores que atuam nos diversos espaços sociais. O objetivo é discutir algumas perspectivas sobre a trajetória das histórias, desde o conto da tradição oral até as narrativas escritas, com ênfase nos seus contadores ao longo do tempo. Esse costume, que vem desde os tempos dos homens primitivos, se configura como uma manifestação literária que se perpetuou através dos séculos, tendo na figura do contador um agente de interação entre a narrativa e o público, seja nas sociedades antigas nas quais predominava a oralidade como forma primordial de comunicação, ou na contemporânea, pautada principalmente na escrita, onde o contador de histórias vem ganhando cada vez mais espaço, sendo considerado um artista da palavra, assim como a contação de história uma arte. Os estudos revelam que a narração de histórias está presente na cultura humana desde tempos imemoriais, tendo evoluído e se modificado juntamente com a sociedade. Com isso, torna-se cada vez mais relevante a realização de pesquisas em torno da contação de histórias como fenômeno cultural e literário que se manifesta de várias maneiras e a partir de diversos suportes, visando com isso fortalecer a produção científica sobre o tema, bem como compreender as definições que os estudiosos vêm trazendo para essa prática hoje.

**Palavras-Chave:** Contação de histórias, Contador, Prática literária.

### INTRODUÇÃO

*A narração de histórias é uma das artes mais antigas do mundo – a primeira forma consciente de comunicação literária.*

*Marie L. Shedlock*

As discussões em torno da contação de histórias tem ganhado cada vez mais espaço no âmbito acadêmico. Sendo o contador de histórias a figura central desse debate, que envolve aspecto como cultura, memória, literatura, arte, entre outros enfoques que entram em cena quando o assunto é contar histórias. Essa prática, que a princípio pode parecer algo simples, na verdade requer atenção, pois há muitos elementos envolvidos nesse ofício milenar, que ultrapassa os séculos e permanece vivo até os dias de hoje, tendo se transmutado no decorrer do tempo junto com as mudanças ocorridas na sociedade.

Neste trabalho, objetivamos uma discussão no âmbito da produção teórica a respeito da contação de histórias, e seus contadores, com destaque para os enfoques presentes nas pesquisas realizadas, buscando com isso compreender o caminho

trilhado pelos contadores e pelas histórias, desde o conto da tradição oral até o contexto contemporâneo.

Os estudos realizados em Cavalcanti (2002); Rocha (2010); Busatto (2011); indicam que há uma consonância sobre o fato de que a contação de histórias é uma prática que vem ocorrendo desde que o homem passou a conviver em sociedade, e que se modificou ao longo do tempo, chegando à sociedade contemporânea em forma de arte, o que faz do contador de histórias, que acompanhou as mudanças nas formas de narrar, ser considerado um artista da palavra.

Para a realização deste trabalho, usamos como caminho metodológico a pesquisa bibliográfica, que se efetivou através da leitura de um número significativo de estudos acerca do tema, dos quais podemos destacar, Benjamim (1993); Cavalcanti (2002); Rocha (2010); Farias (2011); Gomes (2012); Moraes (2012); Matos (2014); Busatto (2011), entre outros que contribuíram de modo significativo para a compreensão e debate da temática proposta.

## **SOBRE O CONTADOR DE HISTÓRIAS: DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO**

A prática de narrar figura entre os fazeres mais antigos da humanidade, como aborda Farias (2011) “Tudo começou em uma caverna, quando os primeiros caçadores e coletores se reuniram em volta das chamas da fogueira para contar histórias uns aos outros, sobre suas aventuras na luta pela sobrevivência. [...]” (FARIAS, 2011, p. 19). Segundo o autor essa prática começou como uma tentativa de organização social e compreensão do mundo.

A partir da prática de narrar nasceu a imagem do contador de histórias ou narrador como agente de reprodução do texto através da oralidade (MORAES, 2012). A princípio o tradicional, cujo repertório se formava na própria comunidade e era composto especialmente pelos contos populares, que tramitam pela via da oralidade. Este contador é alguém que, primeiramente, é considerado pela comunidade como possuidor de boa memória, para poder decorar os enredos das histórias orais.

De acordo com Rocha (2010) “O narrador tradicional pode ser chamado de narrador tradicional, narrador ancestral ou ainda narrador de raiz. [...]” (ROCHA, 2010, p. 56). Estando assim presente em muitas sociedades e em diferentes épocas, como alguém que, pela capacidade de memorizar e narrar o que ouviu, tornava-se contador de histórias conhecido e solicitado nas mais diversas reuniões sociais.

Nessa perspectiva, podemos então considerar que a capacidade de narrar é uma característica marcante do ser humano e a narração de histórias só se tornou possível graças às capacidades de ouvir, memorizar e narrar. Como aborda Benjamin: “A memória é a mais épica de todas as faculdades”. (BENJAMIM, 1993, p. 210) É a memória que possibilita ao narrador o dom de acumular sabedoria, e o torna uma espécie de guardião do saber milenar de uma tradição. O contador de histórias tradicional é então, aquela pessoa capaz de transmitir sabedoria, dar conselhos, imprimir conceitos e valores através da arte de contar histórias. Como diz o autor:

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha da sua vida. [...] O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo (BENJAMIM, 1993, p. 221, grifos do autor).

Em sua fala, Benjamim se refere ao contador tradicional como um mestre e sábio, pois a contação de história no contexto das sociedades tradicionais, era muito mais do que um momento de lazer, era acima de tudo um momento de interação e aprendizagem. Como afirma Matos (2014) “Nas sociedades tradicionais, toda a comunidade da aldeia participava dos serões de conto, independentemente de idade ou do papel na sociedade. [...]” (MATOS 2014, p. 36). Essa presença da comunidade inteira garantia que alguém das gerações mais jovens pudesse memorizar os contos e assim facilitar sua circulação, pois os contos funcionavam como ensinamento.

Os contos da tradição oral, de início narrados por pessoas simples, no dia a dia de uma existência ainda envolta nos mistérios da natureza e da religião, buscavam justamente uma forma de compreender o mundo. O conto popular é, nesse sentido, compreendido como a representação psicológica coletiva de uma dada comunidade, Como aborda Busatto, “o conto da literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. [...]” (BUSATTO, 2003, p. 37)

Assim, na perspectiva da contação de história tradicional, podemos dizer que aquele que conta um conto, reconta também a sua história, vivida e construída no território mágico da narrativa, nos trilhos da oralidade, que se faz nas conversas de

fim de tarde, em que quem gosta de ouvir aprende a valorizar o contador, que traz na memória, na voz, e nos gestos, um mundo de encantamento que nos transporta para uma realidade muito além de nossa compreensão e que, no entanto, fala tão concretamente de nosso viver, de nossos medos e angústias, da nossa busca incessante pela compreensão da existência humana através da capacidade de simbolizar. Como aborda Cavalcanti “Dotado da capacidade de fabular, o homem teve a possibilidade de sair da condição de ser primitivo para se tornar narrador, agente da sua própria história, sonhada, fabulada e narrada”. [...] (CAVALCANTI, 2002, p. 20)

Nesse contexto, o contador de histórias é uma pessoa reconhecida na comunidade e que representa uma autoridade, ou seja, é alguém importante para a sociedade à qual pertence e por isso tem a confiança do público, pois é capaz de encantá-lo com suas palavras. A prática de contar torna-se então um ofício, construído pela necessidade cotidiana de sociabilidade. Como enfoca Lima (2005) “contar história é uma atividade ligada ao veio de nossa vida que o cotidiano recebe, diversifica, acaba e atualiza, articulando-se, no seu mais amplo sentido, ao anseio de imaginação e de encontro que assiste o homem através do tempo e das civilizações. [...]” (LIMA, 2005, p. 68).

Contar uma história é então muito mais do que simplesmente narrar. É fazer com que essa história seja capaz de chegar ao mais íntimo de cada um que a escuta. É poder reconstruir sonhos e sentimentos através da arte de contar, é ser um mago que traz de longe, do tempo dos reis e rainhas, princesas e príncipes, da magia e da sedução, aquele alento para nossa alma, que nos chega pela palavra do contador de histórias.

A prática de contar histórias também facilitou a produção da cultura, bem como a organização da própria vida social, aumentando ainda mais a capacidade de simbolização, tão arraigada na humanidade. A concretização desses aspectos foi possível graças à linguagem, que alçou a condição humana ao patamar do simbólico. Sobre esse aspecto, Cavalcanti enfatiza que,

[...] é correto pensar que entramos na linguagem porque somos capazes de simbolização e isso vai nos transportar na dimensão do outro e da cultura. A entrada no mundo simbólico vai viabilizar no homem o sentido da linguagem como ponto máximo do processo de humanização, como também tecer um fio que vai provocar a descoberta de uma realidade capaz de ser narrada e transformada. Contudo, as primeiras narrativas estavam estritamente ligadas ao estado de contemplação, ao mundo numinoso e revelado, enfim, o animal humano por ser capaz de simbolizar, tornou-se capaz de ser, portanto de entrar na dimensão do outro e construir-se pelo desejo. (CAVALCANTI, 2002, p. 20)

A autora enfoca a capacidade de simbolização inerente ao homem como forma primeira de narrar, dando ênfase ao fato de que no início das civilizações as narrativas eram voltadas para as explicações sobre o universo e a própria existência humana, que ninguém era capaz de explicar cientificamente. Desse modo, na tentativa de desvendar o desconhecido, o homem começou a narrar, e por saber-se capaz de fabular e fantasiar, criou o mundo mágico da narrativa, mundo este que sobrevive até hoje, numa sociedade moderna em que as mudanças estão ocorrendo cada dia com mais velocidade.

No entanto, mesmo em meio às avançadas tecnologias, o sujeito ainda carrega consigo a habilidade singular de criar e narrar histórias, essa prática secular que sobrevive através arte de contar. Sobre esse aspecto Cavalcanti (2002) salienta que as narrativas conseguem sobreviver à passagem dos tempos devido ao seu caráter universal, no ponto de vista da autora, “Essas narrativas guardam ritos de iniciação, de morte e de passagem. Por isso conseguem sobreviver, pois no âmago de toda civilização está algo de residual que pertence ao ser humano universal, entrelaçado pela palavra em ação.” (CAVALCANTI, 2002, p. 66). Por isso, as narrativas, que surgiram em um tempo que nenhuma pesquisa até hoje conseguiu identificar com precisão, estão ainda presentes em nosso dia-a-dia.

Indo de encontro ao pensamento de Cavalcanti sobre a presença da arte de narrar na sociedade atual, Rocha (2010) traz o termo contador urbano para se referir aqueles que se dedicam a arte de contar histórias na sociedade contemporânea, para ela “[...] A este novo narrador podemos chamar de contador urbano. [...] ele transforma o conto e a narração em uma apresentação artística.” (ROCHA, 2010, p. 110). A autora esclarece ainda que:

O contador urbano é aquele que, inserido em uma comunidade de tradição escrita, é portador de um repertório de histórias ancestrais e literárias, memorizadas e aprendidas principalmente pela leitura, pois ocasionalmente aprende pela oralidade. Ele transforma o conto e a narração em uma apresentação artística, o que pressupõe uma situação de apropriação e criação pessoal, fruto de aprendizagens geralmente adquiridas em oficinas e cursos de formação de contadores (ROCHA, 2010, p. 109).

Podemos então dizer que tanto a prática da contação de história, quanto a constituição do contador estão reformuladas, buscando acompanhar as demandas de uma sociedade que se modificou significativamente nos últimos tempos, sendo agora guiada, sobretudo pela escrita. Nessa realidade, as histórias chegam aos contadores através principalmente dos livros e dos suportes advindos da tecnologia, que são o principal viés da

cultura contemporânea. Para Rocha (2010), “O ato de contar história é parte de um contexto histórico e social que, ao se modificar, modifica suas manifestações culturais. [...]” (ROCHA, 2010, p. 116).

Alguns estudiosos, como Sant’ana (2011); Ribeiro (2011); Patrini (2003); Matos (2014) e Busatto (2011), situam o ressurgimento da contação de história como um fazer artístico no final do século XX, quando contar histórias passou a ser encarada como uma arte, podendo os contadores serem formados em oficinas e/ou cursos de formação. No Brasil, O principal evento que culminou no aparecimento definitivo do contador de histórias na configuração contemporânea foi o lançamento do PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura da Fundação Biblioteca Nacional.

Com a disseminação do incentivo à leitura, surge a contação de história como modo de aproximar o leitor do texto literário de uma maneira artística, o que culminou numa reconfiguração da prática de contar história e de seus contadores, que inseridos na modernidade, lançam mão dos recursos disponíveis para compor sua arte de narrar. Para Busatto (2011) “O contador de histórias contemporâneo atua num regime de oralidade secundária, ou seja, encontra-se inserido no contexto de uma cultura letrada, se apropria da escrita, da impressão e das novas tecnologias. [...]” (BUSATTO, 2011, p. 29). Dentro desse panorama, o contador de história busca na atualidade obter uma formação que atenda ao *status* de arte que a contação alcançou.

Sendo assim, além de se apropriar de todos os recursos tecnológicos disponíveis hoje, o contador de história contemporâneo busca apresentar uma arte que contemple as mais diversas situações, espaços e público, já que a contação de histórias acontece em lugares e ocasiões diversas, o que torna a atuação do narrador também diversificada. Sobre o contador de histórias contemporâneo Busatto (2011) ressalta que:

Eles chegam de todas as partes: Norte, Sul, Leste, Oeste. Vêm vestidos de vermelho, azul e amarelo; fitas coloridas penduradas pelo corpo; vêm com jeito de palhaço ou de princesa; outros vestidos de si próprio. Alguns trazem consigo instrumentos sonoros, músicos e cantores; outros são eles próprios músicos e cantores; alguns portam malas, bonecos, fantoches, panos, chapéus, tapetes, bonés, caixas de fósforos, mímica, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando, contando, cantando, deixando leitura, múltiplas leituras aos seus ouvintes hipnotizados. Eles estão por toda parte: escolas, bibliotecas, creches, asilos de idosos, abrigos de crianças, de jovens, hospitais, feiras, congressos. Organizam-se em encontros, festivais, associações e rodas. (BUSATTO, 2011, p. 26)

Tomando por base a fala da autora, podemos inferir que a contação de histórias da contemporaneidade tomou forma de produção artística, com técnicas de apresentação que podem ser aprendidas. Assim o contador é um veículo de ligação entre o ouvinte e a história, seja narrada na cultura tradicional ou através da arte do narrador contemporâneo, continua encantando e abrindo caminhos para o encontro com o texto literário.

Em nossa sociedade, esse encontro com a literatura através da contação de histórias enquanto arte faz-se cada vez mais necessário, objetivando manter viva a chama da magia e da sedução que a história narrada desperta em cada ouvinte. Pois como afirma Gomes (2012), “A força das histórias, assim contadas, pode ser vistas nos inúmeros ‘recomeços’ dos contadores de histórias, nas roupagens novas com as quais adornam seus contos, dando aparência de ‘novidade’ às histórias que vem sendo contadas há centenas de anos, [...]” (GOMES, 2012, p. 30, grifos do autor)

Esse contador busca envolver o conto em uma nova roupagem, tentando com isso aproximar a arte de narrar das demandas de uma sociedade tecnológica e industrializada, buscando com isso um espaço para o contato do narrador com o ouvinte. Esse contato é o que diferencia a história contada por um narrador artista da palavra, da história contada pela televisão ou pela internet, formas muito comum de veiculação de histórias na sociedade contemporânea.

Ao estabelecer o contato físico imediato com o público, o contador contemporâneo resgata a característica do contador tradicional de estabelecer um vínculo afetivo com a plateia, embora na contemporaneidade esses ouvintes sejam muitos e diversos, já que o contador atua em espaços variados, abrangendo um número significativo de espectadores. Mesmo assim, a arte de contar de histórias se mantém viva pela palavra do contador, que surge em meio a uma infinidade de recursos tecnológicos e consegue sustentar uma prática que faz parte da cultura humana desde o início de sua história.

## **CONCLUSÃO**

A partir dos estudos realizados, podemos enunciar a título de conclusão que a prática de contar histórias sempre esteve presente na formação da cultura de todos os povos, que a princípio se reuniam em suas comunidades, ao redor da fogueira ou ao pé do fogão para relatar histórias na tentativa de compreender o mundo e seus mistérios.

O contador de histórias tradicional constrói seu saber a partir de uma estreita relação entre memória e narrativa, pois apreende da oralidade todo seu repertório literário. Sua prática tem por objetivo a organização da cultura para as novas gerações, bem como a perpetuação das histórias narradas em toda sua magia para quem o escuta e que também poderá passar para adiante a narrativa, perpetuando assim a arte de contar histórias.

O contador de histórias contemporâneo, assim como a própria sociedade na qual convive, é forjado no mundo da escrita e da tecnologia, e seu fazer é pautado na arte, ou seja, contar história tornou-se um trabalho artístico, o qual inclusive pode ser aprendido nos cursos de formação, o que traz uma nova configuração para a contação de história. Esta deixa de ser um exercício exclusivamente cultural e passa a atingir, em alguns casos o *status* de profissão.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIM, W. O narrador. In.: **Magia e técnica, arte e política** – obras escolhidas. v/1. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- BUSATTO, C. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.
- FARIAS, Carlos Aldemir. Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade. In.: PRIETRO, Benita. **Contar histórias: um exercício para muitas vozes**. Rio de Janeiro: s. ed, 2011.
- GOMES, Lenice. Cantares e contares: a arte de contar histórias e as brincadeiras faladas. In.: GOMES, Lenice e MORAES, Fabiano Moraes. (Orgs.) **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez, 2012.
- LIMA, Francisco Assis de Sousa. **Conto popular e comunidade narrativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Terceira Margem; Recife: Fundaj, Editora Massagana, 2005.
- MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- MORAES, Fabiano. **Contar histórias: a arte de brincar com as palavras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- PATRINI, Maria de Lourdes. **O novo contador de histórias: oralidade, performance e identidade**. Anais do ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

RIBEIRO, Maria Helena. Por onde passo, levo comigo os contadores de histórias. In.: PRIETRO, Benita. **Contar histórias: um exercício para muitas vozes**. Rio de Janeiro: s. ed, 2011.

ROCHA, Vivian Munhoz. **Aprender pela arte a arte de narrar: educação estética e artística na formação de contadores de histórias**. Tese de doutorado. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2010.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Contação de estória: vida e realidade. In.: PRIETRO, Benita. **Contar histórias: um exercício para muitas vozes**. Rio de Janeiro: s. ed, 2011

SHEDLOCK, Marie L. Da introdução da arte do contador de histórias. In.: GIRARDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC/SC, 2004.